

## Hélène Cixous, para além do que resta: uma conversa com Flavia Trocoli sobre os caminhos de leitura das obras de Cixous

**Marina Pivanti**

[marinapiv@hotmail.com](mailto:marinapiv@hotmail.com)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UESJ), Rio de Janeiro, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Ao nos debruçarmos sobre a questão do que resta da “Teoria Francesa” no número desta edição da Revista de Letras, somos tomados pela amplitude dos múltiplos sentidos que subjazem à pergunta: ao nos guiarmos pelo “resto” como traço derridiano, o que resta a se dizer sobre o não dito em autores tão discutidos como Foucault, Derrida, Deleuze, Lacan e tantos outros? Ou ainda, o que resta das indagações dos autores subsumidos sob a alcunha da “Teoria Francesa” no pensamento filosófico contemporâneo? Resta ainda alguma contribuição de suas ideias para os problemas que enfrentamos na sociedade contemporânea? O que resta de novo a se descobrir na recepção desses autores para leitores de hoje?

Esta pergunta se torna especialmente intrigante quando pensamos que embora alguns filósofos sejam amplamente lidos pela academia brasileira, como os mencionados acima, por exemplo, o mesmo não se pode dizer sobre Hélène Cixous, autora que não somente é capturada pela denominação de “French Theory”, mas também é incluída no grupo das chamadas “Feministas Francesas”, junto com autoras como Julia Kristeva e Luce Irigaray. Assim, podemos dizer que a recepção da obra cixousiana no Brasil é recente, visto que uma de suas obras mais emblemáticas, “O Riso da Medusa”, escrita em 1976, foi traduzida pela primeira vez em nosso país em 2022, pela editora Bazar do Tempo, estabelecendo, assim quase cinquenta anos de distância entre o lançamento da obra e o público leitor brasileiro.

Nesse sentido, uma das grandes contribuidoras para a recepção da obra de Cixous em nosso país é a autora Flávia Trocoli, professora associada de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trocoli é autora de *A Inútil Paixão do Ser: Figurações do Narrador Moderno* (2015), e do importante artigo para a crítica cixousiana brasileira “Insistir no *Eu*, destronar o *Eu*, passar à literatura: movimentos da obra de Hélène Cixous” (2021). Em ocasião do lançamento de seu novo livro *Hélène Cixous: A Sobrevivência da Literatura*, no ano de 2024, conversamos com a autora sobre alguns aspectos de sua obra.

## MARIANA PIVANTI

Ao longo de sua carreira acadêmica, você se debruçou extensamente sobre a obra de Hélène Cixous, contribuindo para sua recepção crítica na academia brasileira. Recentemente, também publicou uma tradução inédita de *A chegada da escrita*, de Cixous, pela editora Bazar do Tempo, lançado juntamente com seu livro *Hélène Cixous: a sobrevivência da Literatura* (2024). De fato, no primeiro capítulo do livro, intitulado “Só-depois, te digo o desejo não me abandona”, você comenta um pouco como se deu seu processo de tradução em *A chegada da escrita* evocando a escolha de traduzir Ève, o nome da mãe de Cixous por Sonia, como vemos em:

Assim, seguindo esses rastros, proponho traduzir Ève, o nome da mãe de Cixous, para Sonia, quando ressoa sonho: *rêve* [sonho]. Na sobrevivida, a palavra renasce outra, *em mais de uma língua*, como aponta Derrida, em *O monolinguismo do outro ou a prótese da origem*, para dizer de um ponto de irreducibilidade da desconstrução (2024, p. 24).

Seria possível dizer que sua escolha em manter a sonoridade entre o nome da mãe (Ève – Sonia) e a palavra sonho visa enfatizar a relação entre o inconsciente e a linguagem? Como o processo de escrita e tradução de Cixous a influenciou a buscar uma forma onírica em sua própria tradução?

## FLAVIA TROCOLI

Primeiro, Mariana, quero agradecer a sua presença nesse trajeto de leitura da obra de Hélène Cixous no Brasil, ainda em formação. Digamos que se trata de uma obra exigente no sentido de que ela é feita de muitos movimentos de sobredeterminação de leituras – a literária, a psicanalítica, a filosófica, a autobiográfica, de lugares, de tempos e de detalhes. Isso requer muito tempo e atenção, assim, é muito importante essa escrita contar com leitoras dedicadas como você. O meu debruçar sobre os textos de Cixous é recente, foi em 2018, que comecei a estudá-los. Antes, debruçada sobre Clarice, tinha lido a primeira tradução de *A hora de Clarice Lispector*, por Rachel Gutiérrez, em 1999 e o ensaio “Reaching the point of wheat: or portrait of the artist as a Maturing Woman”, publicado na Revista *Remate de Males*, em 1989. Assim, se foi através de Clarice que entrei na escrita de Cixous, foi através de Derrida, na leitura de *Voiles [Véus... à vela*, na tradução de Fernanda Bernardo] que permaneci na obra de Cixous. Em seguida, recebi de presente do Marlon Barbosa *Manhattan: lettres de la préhistoire*, 2003, [*Manhattan: cartas da pré-história*] e, a partir dessa leitura, surgiu o primeiro projeto de pesquisa aprovado pela FAPERJ. Esse começo está cifrado, através de um traço autobiográfico, na foto do Central Park que abre o meu livro. Como digo na abertura do livro, este encontro foi tardio, como seu eu tivesse precisado atravessar Clarice, Proust, Freud e Derrida para, então, só-depois fazer minha morada na escrita de Hélène Cixous. Sinto que nela, nessa escrita, posso ser tão longeva quanto Ève que, com mais de 100 anos, atravessou parte do século XX e a primeira década do XXI. É o que desejo: tempo para ler!

Vamos à tradução de Ève por Sonia. A sua pergunta me faz pensar que não tive coragem de, realmente, traduzir Ève por Sonia. Trata-se mais de uma proposição teórica contingente. Em outras palavras, no segundo semestre de 2023, em duas ocasiões, tive o prazer de discutir questões de tradução com Maurício Cardozo, da UFPR, com Marcos Siscar, da Unicamp, e Pablo Simpson, da Unesp, e foi através dessa interlocução que surgiu essa proposição que condensa aspectos fundamentais das questões de tradução levantadas por Cixous e, também, por Derrida. Como se, depois de tantos anos, eu pudesse ter a dimensão do gesto de Cixous de traduzir a *maçã*, de Clarice, por *Orange*, quando se escuta o nome de sua cidade natal, *Oran*, o *Je*, pronome de primeira pessoa entre o seu destronamento e a insistência, o *ange*, anjo, que pode ser o portador de uma vida nova, o *an* de ano novo. De Ève a Sonia, marcaríamos a chegada ao Brasil e passaríamos da ressonância entre Ève e Rêve (sonho), para Sonia e Sonho. Passaríamos da primeira mulher bíblica para a Sonia, de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. No idioma Cixous em tradução, propus escutarmos: “Sonha, Sonia, à sombra da laranja”. Todos esses procedimentos tradutórios - de condensação e de deslocamento - fazem parte do trabalho dos sonhos, tal como delineado por Freud, e que, como indica o próprio Derrida, é o elemento mais estruturante da escrita de Cixous: “ela escreve com o sonho como com vento se navega.”

## MARIANA PIVANTI

Como visto no trecho destacado acima, a filosofia de Jacques Derrida aparece em diversos momentos como um traço ao longo não apenas de seu livro, mas também na obra de Hélène Cixous. Sabemos, inclusive, que a relação entre Cixous e Derrida transcende sua afinidade filosófica, transformando-se em uma relação de amizade. Como você consideraria que a escrita de Derrida sobrevive, permanece, insiste – para usar o vocabulário cixousiano explorado tão eficazmente em seu livro – na obra de Cixous e, também, em sua própria escrita?

## FLAVIA TROCOLI

Poderíamos pensar a relação entre os escritos de Derrida e de Cixous de muitas maneiras. A palavra que me vem é de modo infinito. Mas, como G.H. diz que a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, vou propor a você fazermos alguns cortes para eu indicar entradas singularizadas, isto é, situadas em cenas de escrita e de leitura, para pensarmos essa complexa relação de amizade, sim, mas também de amor à leitura e à tradução. Começo por “Contos da diferença sexual”, 1990, [na tradução de Fernanda Bernardo], quando, em uma conferência pronunciada diante de Derrida, Cixous lê *Circonfissão* para pensar movimentos da diferença sexual que se afastem da essencialização ou da predicação – é homem ou é mulher. Lendo *Circonfissão*, ela vai dizer que Derrida escreve a partir da marca, no caso a circuncisão, feita pelo outro em seu corpo, há um *já-escrito* para ele, enquanto para as mulheres – Clarice e Ingeborg Bachmann, no caso – há um movimento mais fluido, *ainda-não-escrito*. Assim, a desconstrução, entre Cixous e Derrida, se faria entre esse já-escrito e o ainda-não-escrito, uma prática de leitura, de escuta, de tradução, que coloca em jogo o rastro, a aliança, a promessa. Nesse entre um e outro, é imprescindível contar com o movimento, com a contingência, com a tradução. Em *Hyperrêve*, 2006, há um entrecruzamento entre a morte iminente da mãe e o luto pela morte de Derrida. No meu livro, eu trago para a cena de leitura um sonho que Cixous, a narradora, tem com o amigo recém-desaparecido. É impressionante como esse relato de sonho encena o próprio modo de leitura da desconstrução em seu jogo de presença e ausência, em sua paixão pelo rastro e pela materialidade da escrita. Como se o sonho de Cixous carregasse, pelo menos, as leituras de *A farmácia de Platão*, de *Demorar*, de *Fichu*, entre tantas outras possíveis. Assim, no mesmo instante em que Derrida morre, ele sobrevive no sonho e na literatura de sua amiga. Em *Philippines – prédelles*, 2009, Cixous desloca o *Phallus* para *Philippines* que evoca o nome de uma rua em que ela morou em sua infância. Nessa evocação através da mudança de algumas letras, desloca-se a referência ao falo, como centro regulador de uma leitura, para a predela, isto é, para o que se situa nas bordas, como o traço autobiográfico, aliás como a *Circonfissão* de Derrida em notas de rodapé. Seguindo esse gesto, ela lerá textos secundários, menores, de Proust, Freud e Derrida e proporá, entre eles, relações de gemelaridade e de telepatia. Mais uma vez estamos mais na dimensão do ressoar do que da razão categorizadora, predicativa, ontológica e conceitual. Em *Insistir – Jacques Derrida*, 2006, Cixous conta que, em 2003, Marta Segarra começa a organização de um colóquio que acontecerá em 2005, em Barcelona, cujo tema será “Ler Cixous e Derrida se lendo”. Ao convite, Derrida responde: “Irei naturalmente, talvez”. Jacques e Hélène estão de acordo em dividir o trabalho para diminuir o cansaço e imaginam uma cena de conversa. Derrida morre em 2004.

Como ir sem ele? “Meio-morta, e se, meio-morta, meio-viva. [...] Não tardo a extrair da impotência o passo da potência. Sinto bem que, se você, Jacques Derrida, não pode ir a Barcelona, nada te impede de estar lá.” Em outras palavras, Mariana, não ter dedicado um capítulo exclusivo a Derrida talvez queira dizer que ele está a cada passo dado pelo meu livro: em memória, em sonho, em escrita, no coração, seguindo seus rastros e levando muito a sério as perguntas que ele se fez diante dos textos de Hélène Cixous: “O que é isso?, quase me perguntei. O que está acontecendo aqui? O que está me acontecendo? Que gênero? Quem um dia poderá ler isso? Eu?”.

### MARIANA PIVANTI

Ao longo de *Hélène Cixous: A sobrevivência da literatura* (2024) você destaca diversos procedimentos literários empregados por Cixous em sua obra que, de certa forma, se tornam tão característicos da escrita da autora e formam o que Derrida chamaria de “o idioma Cixous”. Em seu livro, você menciona um “efeito de leitura” que tais procedimentos dessa escrita molecular, que adiciona camadas da história, da filosofia e da ficção, e que se constrói a partir do detalhe, adquire através do que chama de “ressuscitação”. O seguinte trecho resume bem o que aqui quero dizer:

Delineia-se, assim, um efeito de leitura, além daquele de estrangeiridade, que é muito importante para este capítulo – o efeito de que aquilo que se relê está sendo lido pela primeira vez. Um terceiro efeito impele uma necessidade de atenção e de operação na microestrutura. Os três – estrangeiridade, primeira vez, detalhe – não estão desconectados e falam de uma dificuldade de resumir, abarcar, e generalizar as sutilezas da obra de Cixous (2024, p. 43 – 44).

Assim, como leitores, de que maneira podemos ler, ou ainda, que postura devemos tomar, ao receber todas as múltiplas camadas de leitura, tradução e citações que se sobrepõem na obra de Cixous, a fim de não perder de vista as sutilezas e os detalhes que a compõem?

### FLAVIA TROCOLI

Agradeço essa pergunta porque ela me dá chance de ressaltar um traço da escrita de Cixous, a abundância ou a extravagância. Em *O riso da Medusa*, por exemplo, ela vai fazer uma crítica a uma certa fantasia masculina que comporta um cálculo redutor e mortífero. Calcula-se o preço para matar o desejo. Já a escrita feminina, no que *ela fará*, estaria liberta desse cálculo e se lançaria no incalculável – nas fontes que jorram, sem fim, do inconsciente. Tal promessa, a escrita de Cixous não cessou de colocar em ato através de camadas e camadas engendradas e reinventadas de suas leituras da psicanálise freudiana, da tragédia grega, de Shakespeare, Dostoievski, Montaigne, Celan, Thomas Bernhard, Proust, Rembrandt, Roni Horn, Proust, Lispector. No meu livro, acho que segui um traço associativo que já estava no meu modo de ler: no mestrado, li Lucio Cardoso e Clarice, no doutorado Clarice e Virginia. Ainda mais livre daquilo que Catherine Millot chamou de *supereu teórico*, fui deixando que alguns autores abrissem as portas da minha leitura de Cixous engendrado esses *semelhantes poéticos* que não

preexistem, mas coexistem através de um modo ler: Clarice e Hélène, Cixous e Freud, Cixous e Proust. Se esses são os gêmeos do livro de 2024, talvez meu livro futuro traga Cixous e Rembrandt, Cixous e Roni Horn, Cixous e a Virginia Woolf de *Flush*. A ênfase nesses outros nomes está me levando a repensar a questão do retrato e do autobiográfico como aquilo que foi suscitado pela leitura de Nina Leite, quando ela destacou, certamente, um movimento do meu livro mais em direção ao vivo do que ao vivido. Fazer viver, através da leitura, um detalhe do quadro de Rembrandt, um gesto de Horn ou de Woolf, torna-se uma metodologia, sim. Entrar na leitura através da relação de detalhes entre textos não é único e não pode ser normativo. Davi Pinho e você, por exemplo, produzem um determinado tipo de leitura que desdobra as relações entre Cixous e Woolf a partir da diferença sexual e dos estudos de gênero, Davi Pimentel tem pensado insistentemente questões tradutórias, Danielle Magalhães, as relações genealógicas, Marcelle Pacheco, as relações entre Cixous e Barthes, Marcelo Jacques de Moraes imaginou uma leitura de Cixous inteiramente debruçada sobre as variações dos tempos verbais e não pelas relações engendradas pelas citações. Acabei de voltar de um congresso em Belo Horizonte em que a escrita de Cixous apareceu em diversos trabalhos e nas mais distintas funções, essa disseminação singular e plural, ao mesmo tempo, me deu uma alegria imensa porque a delicadeza da leitura e a atenção ao texto estava em cada um deles.

#### MARIANA PIVANTI

Você abre o capítulo “Das moléculas às migalhas, a criança morta insublimável” demonstrando que, de acordo com Cixous em “Aller vers le plus effrayant” – em sua tradução, “Ir em direção ao mais aterrorizante” (2024, p. 97) – que “aquilo que se quer dizer é inseparável do modo de dizer. Sobre a sublimação, como dizer? Trata-se de um conceito em fuga e, perseguindo, permanece inacabado, evanescente, o que talvez seja um modo de encenar sua transitoriedade e precariedade diante da tarefa de enganar a morte e fazer o destino pesar menos sobre nós” (2024, p. 97). Dessa forma, como considera que tal escrita do sublimável e do vazio que a sublimação engendra aparece formalmente na escrita de Cixous?

#### FLAVIA TROCOLI

A sua questão faz com que eu me dê conta de que a questão da sublimação se dá na dimensão de um herdar dificuldades, isto é, herdar formas, mas não respostas. Lacan foi quem disse que, quanto à sublimação, Freud ficou de bico calado, Cixous nos diz que é incapaz de tratá-la teoricamente, então, em “Aller vers le plus effrayant” [Ir em direção ao mais aterrorizante], responde ao convite para falar sobre o tema com um sonho e um testemunho. Foi em 2019, em um encontro do Outrarte em torno da sublimação e da invenção, que fui pensar a questão, e o fiz de maneira bastante localizada. Segui alguns pontos do ensaio mencionado, um fragmento de *Manhattan*, em que *A tempestade*, de Shakespeare, vem dar forma para a sublimação do corpo morto do pai e o transforma em pérolas e o livro *Le jour où je n'étais pas là*, em que se escreve em torno de um filho morto, um filho ainda não-habitante da língua. Através da leitura de elementos formais de *Manhattan* e de *Le jour...*, tentei desenhar o que seria da ordem do insublimável,

a criança morta, e do sublimável, o pai. Minha leitura desejava ler esses dois livros e o ensaio, mas não teorizar sobre a sublimação, antes seria preciso pensar não numa oposição, mas em movimentos da escrita que acabam por inscrever um traço de união entre o sublimável e insublimável, fora de uma absolutização do conceito. Em um livro incontornável, *Cixous's Semi-Fictions: thinking on the borders of fiction*, 2014, Mairéad Hanrahan pensa que Cixous pratica uma *desconstrução elementar*, isto é, recusa-se a atingir o ponto de conceito, fazendo o que Hanrahan chama de “semi-ficção”, a partir do que Toril Moi e Peggy Kamuf pensaram como “semi-teoria”. Tenho me valido desta nomeação para propor que Cixous tem um modo de teorizar com o sonho, com a tradução, rente à escrita ficcional, sem categorias incomunicáveis ou estabelecidas para aplicação. Em outras palavras, talvez o que tenha dito em torno da sublimação só tenha pertinência na relação entre os dois livros específicos e o ensaio, o que não deixa de abrir portas para que outros leitores reinventem essa *semi-teoria* a partir de outros textos. Talvez seja um modo de pensar os operadores de leitura de um modo não-todo fálico, de um modo mais singular do que universal, a cada leitura de um texto, tentar reescrever o que o estrutura e o que o desestrutura. De certa maneira o elementar, de Hanrahan, inspira o meu molecular para pensar que, por exemplo, falar sobre os escombros é diferente de falar sob os escombros, ou que passar do *néant* (nada) ao *née en* (nascida em) pode ser o trabalho de uma vida, condensado em um nada leviano jogo de letras. Isso não é um modo de extrair consequências do que a Teoria Francesa propõe como resto e como irreduzível?

#### MARIANA PIVANTI

E em continuação à pergunta anterior, você prossegue neste capítulo considerando que, “se há sublimação que contorna o vazio, há também algo que estaria impedindo de ser sublimado e, contudo, paradoxalmente, esse não sublimado também se torna obra” (2024, p. 98). Para você, como Cixous encena esse “Eu” da literatura e da ficção, que se vê constantemente desafiado por aquilo que consegue e não consegue sublimar?

#### FLAVIA TROCOLI

Sua pergunta arguta já indica uma articulação possível para repensar o ensaio de 2020 – “Insistir no eu, destronar o eu: movimentos da obra de Hélène Cixous” que, em 2024, ao passar ao livro, foi renomeado “Refabricar-se com moléculas literárias.” Veja vou retomar aqui suas considerações lá da primeira pergunta. A questão do *Eu*, ela sim, me ocupa desde a minha formação, na tese de Doutorado, tentei pensar o *Eu* da narração em *A paixão segundo G.H.*, 1964, e os *Eus* das vozes de *The waves*, 1931, dois textos em que modos distintos de enunciação desmantelam qualquer tentativa de fixar uma identidade, em que o ser não anda separado do não-ser, em que o *Eu* não cessa de se metamorfosear em *Ela* ou em *Eu*. Dito de outro modo, os dois textos encenam vias sublimatórias em que o Isso, a Coisa e/ou o Vazio podem ter voz e passar à escrita e à leitura. Pois bem, essa reflexão passa por dois grandes encontros: o meu encontro com Proust, quando esses *Eus* estão sob o efeito da passagem do tempo e da rasura e com Hélène Cixous, quando a questão do traço autobiográfico, que já estava em Proust, ganha novas dimensões. Acho que a insistência no Eu, o destronamento do Eu e a sua

refabricação com moléculas literárias são vias para se pensar a reunião estranha de ensaio, ficção e romance (com a qual Benjamin começa seu ensaio “À imagem de Proust”, na tradução de Patrick Bange), a partir do que se inscreveu da psicanálise freudiana e da desconstrução derridiana em Hélène Cixous. Os *Eus*, a cada vez, recebem as cenas literárias, filosóficas, psicanalíticas, históricas seguindo a maneira de ler e escrever do inconsciente. *Eu* que passa pela psicanálise e pela desconstrução, logo em movimento, destronado de suas identificações fixas, nele mora a *Unheimliche* (seguindo o ensaio desconcertante de Cixous em torno do ensaio freudiano que ela chama de “estranho romance teórico). *Eu* formado pela própria literatura que é a cada livro de Cixous reinventada a partir de um acontecimento singular: a morte do pai, a morte do filho, um abandono, um encontro amoroso, a morte de Ève, a morte de J.D., a chegada de uma palavra ou de um animal, a visão de um corpo de mulher, um sonho, a visão de um corpo grávido. Isso que precisa ser inscrito na língua e que faz o idioma Cixous reinventar o *Eu* a cada frase, em tradução, em desconstrução.

### MARIANA PIVANTI

Ao longo de seu livro, você destaca as camadas literárias, filosófica, autobiográficas, entre outras, que se acumulam e tornam o “*Eu*” da escrita cixousiana múltiplo e impossível de se capturar pelos limites da identidade individual. De fato, você parece trazer para seu livro a voz de Cixous, mas sempre intermediada por outras vozes, como a de sua mãe Ève, Derrida, Freud, e de tantos outros anônimos da história. Como leitora, pude perceber também uma outra voz que se junta a esse palimpsesto de vozes que compõe a subjetividade múltipla da escrita cixousiana, isto é, a voz de Flávia Trocoli. Seja através das fotos tiradas por você que ilustram os capítulos, ou pequenas inserções de seu *eu* na escrita, sua própria voz parece surgir como rasura, sempre subjacente ao texto, se tornando, assim, difícil divisar quem é Cixous e quem é Trocoli. Dessa forma, você consideraria que também seu livro acaba por encenar de maneira formal um apagamento do *eu* identitário, e se sim, poderíamos dizer que como autora, você escreve em direção a uma escrita cixousiana?

### FLAVIA TROCOLI

Mariana, é notável como sua consideração se alinha a de outros leitores do livro: Danielle Magalhães, Davi Pinho, Nina Leite, Ana Costa, Carla Rodrigues. Cada um tocou neste ponto de uma maneira. Eu diria que essa proximidade, que beira a indiscernibilidade, não foi um projeto no sentido de ter aí uma intencionalidade, diria que é mais um efeito do meu modo de ler rente ao texto, em movimento, sempre me afastando da aplicação. Isto é, longe de colocar a psicanálise como um saber que explicaria a literatura ou de fazer um esforço de conceitualizar ou explicar o ato de leitura que é a desconstrução, porque a cada ato ela é uma, ou seja, ela é várias, sujeita às contingências do *txto* lido e do leitor. Há, sim, uma tentativa de apresentar o texto de Hélène Cixous aos leitores brasileiros, sem dominá-lo com o comentário. No lançamento do livro no Rio, João Camillo Penna disse algo como “um grande esforço de traduzir um pensamento”. Busquei traduzir esse pensamento como um sonhador relata seu sonho: me implicando como leitora na cena, me colocando sob o efeito da leitura e de suas imensas

dificuldades. Busquei traduzir com *as paixões da literatura*, para evocar meu primeiro projeto aprovado pelo CNPq em que eu pensava *as paixões do autobiográfico* em Derrida, que são a minha história não só de leitora, mas de vida. Mais de uma vez, a literatura me salvou do horror que mortifica. Assim, se o meu livro retorna a Clarice, a Proust, a Freud, a Derrida, outra leitura poderia retornar a Montaigne e a Shakespeare ou a Paul Celan e a Thomas Bernhard, mas, inelutavelmente, são aqueles que correm nas minhas veias. Podemos também pensar que, se não aplico a psicanálise como um saber que está fora ou está pronto para ser aplicado à literatura, ela também se mistura à minha leitura. Para pensar essa questão dos meus procedimentos de leitura no livro, seria interessante considerar o que aprendi com dois colegas e que me acompanha subrepticamente. O que entendi a partir do que Marcos Siscar escreve em torno da desconstrução: que ela não constitui propriamente uma crítica porque leva em conta o inconsciente. E, também, algo que aprendi com Fabio Durão em torno das relações entre a literatura e a teoria: uma obra literária lida de modo imanente pode gerar o seu próprio regime de leitura, pode engendrar seus próprios operadores de leitura. Juntando esses dois pensamentos, poderia dizer que o estilo do meu livro talvez seja o desejo de fazer teoria com a literatura e com o inconsciente. Busquei não imitar o estilo de Cixous, mas ser coerente com o que aprendi com ele. O que você e outras leitoras me dizem sobre o meu livro também – indiscernindo a psicanálise, a teoria literária, inscrevendo traços autobiográficos, penso como um modo de ler a obra de Cixous a partir da nomeação de Derrida: como um *objeto literário não-identificável*, o que não quer dizer que há uma homogeneização ou uma identidade, acho que não seria isso. O meu texto não é mais o de Cixous, claro, está deslocado, está em outra posição - *semi-teoria*, por evocá-lo sem cessar na escuta do seu dizer? Objeto teórico não-identificável? Essa liberdade que me dei também veio de muito estudo, veio de levar muito a sério aquilo que Lacan situa como ponto principal para transmissão do texto freudiano, isto é, sua *liberdade formal*. *A inútil paixão do ser*, 2015, é um livro reescrito com textos que foram dissertação de mestrado, tese de doutorado, aula para concurso. Isto é, presos ao que Catherine Millot chamou de *supereu teórico*. Mais distante dessas injunções, busquei ler e traduzir Cixous inventar duplos, assombrando as frases e a identidades em mais de uma língua, em tradução. Por exemplo, talvez um leitor atento de Machado de Assis possa extrair da tradução de *A chegada da escrita* a frase “Costumes velhos”. É uma frase de “Missa do Galo” que não me canso de ler com os alunos de Teoria Literária I, ela está lá para dizer da chegada de Cixous à literatura brasileira, encenando um encontro transformador e meu amor inesgotável pelo texto machadiano em que Conceição, a protagonista do conto, pode ter seu enigma renovado pela chegada de Hélène Cixous em nossa língua. Para encerrar essa conversa, outras continuam, não é, Mariana? Eu diria que essa liberdade formal foi um visto que minha análise pessoal me deu, tento recebê-lo. Para dizer desse visto, sobrevivem duas vozes: a de Gilberto Gil dizendo que quando pergunta a ele se está tudo bem, ele responde: “vou indo” e a de Cixous dizendo que ainda há vida quando continuamos a receber as cartas da noite, do sonho, e que Clarice foi aquela que se deixou ir. É com esses cantos ao que resta que quero continuar a ir. E, para ir, é bom que haja um ouvido ao lado. Obrigada, Mariana.

## REFERÊNCIAS

CIXOUS, Hélène. *O Riso da Medusa*. Trad: Natália Guerellus. Raíssa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022, [1976].

CIXOUS, Hélène. *A Chegada da Escrita*. Trad: Flavia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024, [1986].

TROCOLI, Flavia. *A Inútil Paixão do Ser: Figurações do Narrador Moderno*. Campinas: Mercado das Letras, 2015.

TROCOLI, Flavia. Insistir no Eu, destronar o Eu, passar à literatura: movimentos da obra de Hélène Cixous. In: *Alea*, Dez 2020, vol. 22, no. 3, p. 181-195.

TROCOLI, Flavia. *Hélène Cixous: A Sobrevivência da Literatura*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

**Recebido:** 11 dez. 2024

**Aprovado:** 21 dez. 2024

**DOI:** 10.3895/rl.v26n49.19639

**Como citar:** PIVANTI, M.M. Hélène Cixous, para além do que resta: uma conversa com Flavia Trocoli sobre os caminhos das obras de Cixous. *R. Letras*, Curitiba, v. 26, n. 49, p. 116-125, jul./dez. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

